

Vivências Nômades e a Incomunicação nas Organizações

Mônica Maria Martins de Souza
Universidade Paulista

Resumo:

A imaginação que une os povos contemporâneos no desejo de felicidade é a mesma que os desagrega, nos lendários relatos da “Torre de Babel”. O animal humano que desde a sedentarização busca a utópica plenitude desenvolve a tecnologia na era do conhecimento, e se perde entre o mítico e o real. Preso entre os dois mundos, sonha, mas é capturado, vítima do capitalismo que o consome, e ao qual se entrega no emaranhado das organizações. Nelas, ele vive atormentado na ilusão de encontrar o paraíso, e de Marco Polo a Steven Jobs, o que o governa oscila do oriente ao ocidente, a dúvida. Nômade, neste cenário de impossibilidades busca vincular-se, representa papéis, contracenando em universos simbólicos e na expectativa da satisfação, se depara nos novos territórios com a incomunicação.

Palavras-chave: Vínculos; Universo Simbólico; Territórios; Oriente e Ocidente

Vivencias Nómadas y la Incomunicación en las organizaciones

Resumen:

La imaginación que ha unido a los pueblos contemporáneos con el deseo de felicidad, es equivalente al que los desagrega, en los lendarios relatos de la “Torre de Babel”. El animal humano que desde la sedentarización busca la utópica plenitud, desarrolla la tecnología en la era del conocimiento, y se pierde entre lo mítico y lo real. Atrapado entre los dos mundos, sueña, pero es capturado, víctima del capitalismo que lo consume, y por el se entrega a la compleja simbología de las vivencias en las organizaciones. En ellas vive atormentado con la ilusión de encontrar el paraíso, y de Marco Polo a Steven Jobs, lo que lo gobierna navega entre ocidente y oriente: la duda. Nómade, en este escenario de imposibilidades, juega, se une, representa papeles, contrascena en universos simbólicos y en la expectativa de tener satisfacción, y se da de frente con nuevos territorios, con la incomunicación.

Palabras clave: Vínculos; Universo Simbólico; Territórios; Oriente e Occidente

Da queda da árvore à sedentarização

A investigação sobre o percurso onto e filogenéticas do animal humano visa compreender a sua trajetória sobre a terra o que indicava uma impossibilidade de sobrevivência após a sua descida da árvore, seu habitat de original. Ao descer, se agruparam em tribos e nômades caminharam errantes sobre a terra apoiando-se nos dois pés até o momento em que se assentaram. Acerca de dois milhões de anos de acordo com JANSON (2009), os nômades caminharam pelo mundo em busca do alimento. Eles sobreviviam da coleta de frutos silvestres, grãos e raízes, pescavam e caçavam rudimentarmente utilizando pedras pedaços de madeira. Como os outros animais, se protegiam das intempéries e ameaças nas árvores e cavernas. O desafio pela sobrevivência se fez presente na escalada humana desde a origem da humanidade.

O primeiro período pré-histórico ou paleolítico ficou conhecido como a fase mais antiga da evolução do homem. A adaptação para sobrevivência era um desafio permanente e do nômade ao *homo sapiens* e deste ao *homo demens* entre o oriente e o ocidente ele se deparou com a constante necessidade de adaptação. Ao se perceber descoberto em um cenário desconhecido, na horizontal e diante de uma realidade objetiva e concreta, que antes ignorava adaptou-se para sobreviver. A nova postura física o obrigou a desenvolver estratégias de representação, simulação, imitação e aprimorou a técnica de mimetizar-se às árvores, troncos e pedras para fugir dos predadores.

Os sociólogos afirmam que os primeiros indícios da sedentarização foram encontrados seiscentos mil anos após o início do nomadismo. Assentados eles fabricaram utensílios e criaram os primeiros instrumentos em pedra com os quais faziam trabalhos artesanais

rudimentares (JANSON, 2009). Em grupos a selecionou sementes e desenvolveu a agricultura, capturou e domesticou animais e iniciou a agropecuária. Exercitou a convivência social, a partir do qual constituiu a cultura (BAITELLO Jr. 2005) e se estabeleceu inicialmente em pequenas aldeias dando início à revolução agrícola.

Para aprofundar neste exercício imaginativo a metodologia utilizada se debruçou sobre os autores que aproximam o remoto do atual por meio das suas reflexões permitindo a continuidade da imaginação. Dentre esses autores que viajam nessa aventura destacam-se: Souza (2013) que aborda a caminhada humana em estado alterado de consciência pela geografia da incomunicação em busca do reconhecimento e satisfação. Aborda o nômade que passa pela descoberta das minas de carvão e metais, que elaborou técnicas e criou motores e máquinas, e alimentou a revolução industrial. Que se submeteu a um sistema de comunidade sociotécnica estabeleceu normas de convivência posteriormente definidos como os comportamentos socialmente aceitos e denominados adequados ao grupo social que deu *start* à cidadania e ao capitalismo (Souza, 2013).

Conta com a contribuição do filósofo, judeu, tcheco e brasileiro, Vilém Flusser (1979) que “naturalmente” explica a caminhada do nômade primário, tanto quanto o contemporâneo, como sobrevivente guerreiro que desceu da árvore, caminha, se agrupa e move em busca de um paraíso em vida. Esse ideal paradisíaco se confronta com a miserabilidade humana abordada por Sodré, (2001) distante do gozo intelectual ou material do ideal dos grupos humanos.

A tomada de consciência desse grupo nessa condi o o insere na primeira realidade que na concep o do semioticista Ivan Bystrina (1995:11)   a realidade concreta, o mundo real, composto de necessidades básicas de sobrevivência. Esta

promove o salto para a segunda realidade - o mundo simbólico - a cultura, os estados alterados de consciência, a imaginação, crenças, fantasias, sonhos, esperanças na visão de Bystrina (1995) e os jogos de Caillois (1967), as raízes da cultura conforme Baitello Jr, (2005).

Nessa arena de enfrentamento são construídos os vínculos sociais que alimentam e libertam o indivíduo do sofrimento, pois de acordo com Maffesoli (1998) a miserabilidade só é real para aquele que a projeta. O que vai de encontro à declaração de Ford no início do século XIX: a miséria e a sorte estão para aqueles que as projetam no mundo de acordo com a sua convicção.

Para combater a possibilidade da projeção negativa, cedo as organizações utilizam dinâmicas com características festivas e músicas no ritmo dos tambores que remetem ao primitivo da cultura. Estes rituais, semelhantes aos cultos religiosos provocam estados alterados de consciência e despertam os arquétipos primitivos. O propósito da técnica é aflorar a euforia, motivação que se conecta a energia primária do guerreiro flusseriano, (1979) que inquieto sai dos prados e sobe as montanhas em busca da aprendizagem de novos mapas mentais. Isso na organização cria um clima que propicia o envolvimento daquele que trabalha com os desafios das dos objetivos corporativos.

Essas técnicas remetem ao aspecto histórico, que suscita às crenças e ritos primitivos apontados por Maffesoli (1998). Evocam as raízes onto e filogenéticas de Eibesfeldt (1973:179) tanto associadas à sobrevivência do indivíduo, quanto da espécie. Em estado alterado de consciência o funcionário coloca o seu saber a serviço da empresa que inadvertidamente ignora o fato. Ortega y Gasset (2002:1280) adverte que os arquétipos despertados pelo passado é “*revenant* por essência”, fora do seu tempo ele desconhece a

razão, sendo a consciência e o conhecimento, a única saída humana. Esta saída exige modos mais complexos de supressão, aqui se retorna a Bystrina (1995:11) porque a primeira relação humana com o mundo - a primeira realidade realiza apenas a necessidade de subsistência, o que é o vital. Assim que ele a atende emergem outras, mais elaboradas. A busca dessas necessidades complexas denuncia a necessidade do jogo. E a forma como se porta o jogador diante das regras, o que pouco a pouco, vai definindo o caráter desbravador e adaptador do nômade.

A busca utópica da plenitude e a perda entre o mítico e o real

Na escalada humana, do nômade ao homo demens entre o oriente e o ocidente, o desejo da plenitude não é um legado contemporâneo. A angústia pela posse, e da perpetuação, da felicidade, realização e poder, pode ser observado nos relatos sobre a “Torre de Babel”, que em hebraico significa lugar e confusão, em grego é Portão de Deus, em português é algazarra, balbúrdia, barulheira, gritaria, diversidade, complexidade.

A lenda da mítica torre diz que as tribos viviam errantes a procura de uma terra paradisíaca, conforme o velho testamento (GENESIS 11:1-9. 1982:57). Ao encontrar um prado fértil, ali se estabeleceram, o cenário primário de Flusser (1900).

O período neolítico foi o segundo passo de evolução do primata que desceu da árvore. A Revolução Neolítica é uma expressão do arqueólogo inglês Gordon Childe antecedeu a Revolução Agrícola no século XVIII e foi o movimento Pré-Histórico que pos fim à caminhada nômade. Esta fase da evolução cultural definiu a passagem do humano como construtor da natureza. Ele deixou de ser um parasita da natureza e passou a sócio transformador e contribuiu para a sua grandeza a partir do momento em que o nomade se

assenta - *sedere*, sentar, sedentarizar. Assentaram acampamentos nas áreas férteis começaram a selecionar sementes e desenvolveram técnicas para o cultivo, que propiciou a aceleração da agricultura. O excedente da produção os obrigou a criar meios para transportar e armazenar os grãos e iniciou a comercialização a partir do escambo – trocas o que deu o start no capitalismo.

As mudanças e transformação promoveram avanços na agricultura e mudou a condição de vida do *homo sapiens*, que se fixar definitivamente em um local e o adaptou às suas necessidades, iniciando uma economia produtora. O processo de transformação e domínio da relação do Homem sobre os animais e plantas, promoveu maior controle da sua fonte de alimentação. Os grupos humanos se fixaram por mais tempo em uma região e se deslocaram com menor frequência. Criaram os primeiros objetos, como ferramentas e utilitários domésticos feitos de pedra e madeira e começaram a usá-los e guardá-los.

Imagem proveniente do Wikimedia commons acervo de conteúdo livre da Wikimedia Foundation que pode ser utilizado por outros projetos (10/2013).



National park Stone tools.jpg (384x256 pixels) (10/2013).

A acomodação proveniente do assentamento propiciou o aparecimento das primeiras sociedades humanas. O *homo sapiens* estabeleceu vínculos sociais e comunicacionais

conforme Cassirer (1972) o que contribuiu para a formação de pequenos lugarejos, que se estabeleceram como vilas e posteriormente se tornaram cidades. Em sua essência nômade, dissimulou e se fez surdo, se aquietou e criou vínculos no prado, um universo simbólico construído sob outras referências subjetivas que não aquelas até então conhecidas e vividas. Se rendeu ao chamado sedentário e diante da generosidade da planície resignificaram o conceito de tempo e espaço (FLUSSER, 1979).

Diante dos férteis e acolhedores prados, algumas tribos encantadas pela beleza e generosidade daquelas terras ali acamparam e se estabeleceram moradia. Algumas tribos se encaminhavam para o oriente em busca da felicidade, de nova vida e novas terras para perpetuarem os seus nomes. Ao deparar com a planície de Senaar, interromperam a caminhada. As tribos da lendária “Torre de Babel”, conforme o velho testamento “fazia parte de um povo que sobre toda a terra falava uma só língua servindo-se das mesmas palavras” (GENESIS 11:1-9. 1982:57). Elas sentiram desejo de ali permanecer e habitaram aquela pradaria, que Flusser (1900) chamou de cenário primário. Desistiram da caminhada para conhecer montes e cordilheiras.

A busca humana pela realização e suas sanções em análise

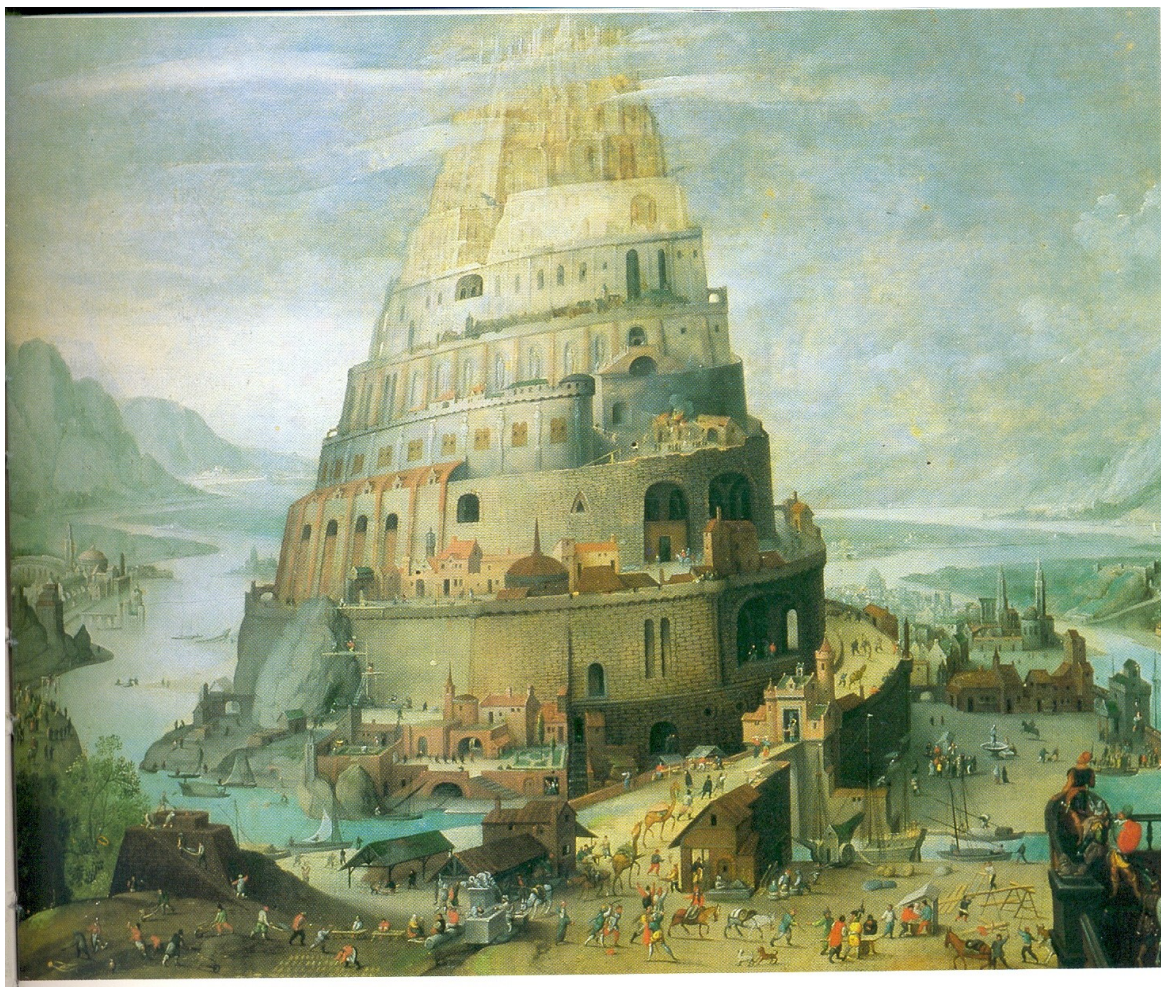
Aqui o corpus analisado é a história da evolução humana que se confunde entre o mítico e o real. Os nômades atenderam o chamado sedentário e o desenvolveu um projeto de manutenção no eterno paraíso na planície de Senaar. Diante daquela paisagem eles exclamaram: “Vamos façamos tijolos e cozamo-los no fogo”. Serviram-se então de tijolos em vez de pedra, e de betume em lugar de argamassa dizendo:

“façamos para nós uma cidade e uma torre cujo cimo atinja os céus. Tornemos assim celebre o nosso nome, para que não sejamos dispersos pela face de toda a terra”. Mas o senhor

desceu para ver a cidade e a torre que construíam os filhos dos homens e disse: “Eis que formam um só povo, e falam uma só língua. Se começam assim nada futuramente os impedirá de executarem todos os seus empreendimentos. desçamos para lhes confundir a linguagem, de sorte que não compreendam um ao outro” (GENESIS:11, 1982:57).

Eles foram dispersos daquele lugar, cessaram construção da cidade e da Torre e caminharam errantes novamente por toda a face da terra. Por isso deram-lhe o nome de Babel, pois ali foram confundidas as linguagens de todos os habitantes.

Figura 2: A Torre de Babel – a dispersão do sujeito1 submetido como resultado da disjunção dos dois sujeitos em relação a uma ação.



Pintura Flamenga do século XVI. Siene, Pinacoteca nacional. Foto (65) do livro: A Lenda dos Anjos. Michel Serres. São Paulo: ed. Aleph. 1995. pág. 65.

Há coesão, coerência e encadeamento lógico de sentido entre o texto e imagem. A imaginação que une os povos no desejo de felicidade. O nômade sonha, mas a sua vontade e o seu poder é capturado e ele se torna vítima do seu desejo desbravador. Poder que também se observa no espaço corporativo, onde a função real e simbólica das normas se sobrepõe àquela que trabalha sancionando-o positiva ou e negativamente.

Esta relação de poder e desejo de conhecer e dominar, pode ser observada a partir do filme “1492 A conquista do paraíso”, produzido em 1992, dirigido, por Ridley Scot. Trata-se de uma viagem do ocidente ao oriente, especificamente da Europa para as índias, na tentativa de refazer o caminho feito em 1272 por Marco Polo que nasceu Veneza no final da idade média. Ele saiu do porto de Laiassus em Laves, na América aos 17 anos, com seu pai e seu tio, em direção ao oriente passando pela Ásia e china. Nos relatos da viagem traçou a rota da seda. O primeiro filme que retrata “Aventuras de Marco Polo”, em 1938 foi dirigido por Archie Mayo, John Cromwell e John Ford, e registra as fantásticas aventuras que se perderam entre o real e o imaginário. Em 2007 nova gravação das “Aventuras de Marco Polo” com direção de Kevin Connor utilizando com os recursos dos avanços tecnológicos dentre eles os atingidos por Steven Jobs, um dos criadores do computador Apple e de recursos da informática como o computador pessoal em 1976. Esses recursos auxiliam os diretores a expressarem a intensidade imaginativa dos desbravadores primários.

O enredo abordado nas películas tanto em 1272 quanto em 1492 demonstra a ânsia com a qual o homem corre atrás do tempo tentando compreender o mundo e superar a ignorância. A luta para dominar as adversidades da natureza, denuncia uma existência focada na busca pelo conhecimento para atingir a felicidade. Os recursos primários e a interferência e força das crenças impulsionava os desbravadores a uma corrida alucinante, dominada pelos estados alterados de consciência (BYSTRINA, 1995).

A mesma força que impulsionou os nômades na direção do desconhecido ao qual ele sempre exercitou a capacidade de adaptação diante das novas descobertas os impulsionou para as organizações. Na empresa como na sociedade essa comunicação,

conforme diz Cassirer (1972) não serve apenas para comunicar, mas também para dissimular, o comportamento para evitar exclusão e punição. Nelas buscaram realização e satisfação pessoal um quesito impossível de ser atendido em outras relações, mas para a qual se paga um alto tributo. Aquele que trabalha se submete às coerções das normas organizacionais. No entrelaçamento da cultura com a atividade laboral, os processos normativos, de forma criativa, utilizam estratégias que levam o trabalhador desenvolver vínculos para ajudá-lo a suportar as coerções e adaptar-se às mudanças.

Os vínculos são alimentados pelas normas que definem os papéis a serem representados no palco ritualizado pela missão corporativa. Os atores enredados se conectam às raízes onto e filogenéticas (EIBESFELDT, 1973:179). A cultura organizacional no universo do trabalho alimentam o mundo real, a primeira realidade composta de necessidades básicas de sobrevivência, e o mundo simbólico - a segunda realidade, composta de crenças, fantasias, sonhos e esperanças de realização pessoal e profissional (Bystrina, 1995). Cassirer (1972) as denomina como reais ou possíveis. Isso exige um grande esforço, pois sendo nômade na sua essência, aquele que trabalha precisa ficar surdo e insensível ao chamado de sua natureza andarilha (FLUSSER, 1979). Por não poder ou possuir saber para quebrar paradigmas seguem com a máscara organizacional incorporada e trabalha. O seu comportamento adaptado demonstra que a comunicação organizacional utiliza-se das raízes da cultura em um espaço social privilegiado para a sua aplicação das normas, “um espaço probabilístico saturado de informação” (BAITELLO Jr. 2005).

Considerações Finais

O nômade, na sua escalada pela compreensão do mundo e da vida passa por 3 impossibilidades de sobrevivência. A primeira quando desce das árvores e enfrenta a

impossibilidade de permanecer vivo diante das ameaças, porque não sabe aí sobreviver, mas ele se adapta. A segunda quando ele caminha errante a procura do paraíso, se depara com a planície e põe em prática o seu projeto de construir uma cidade torre para chegar ao paraíso, e é sanciona negativamente impedido de realizar tal intento. E a terceira e mais complexa que é a organização que ele cria e procura nela sobreviver colocando em risco a sua sanidade para realizar sua necessidade de realização e poder.

No cenário organizacional ele enfrenta a terceira impossibilidade de sobrevivência, equivalente à primeira quando desceu da árvore e à segunda quando iniciou a construção da Torre de Babel. Nos três momentos ele se submete à natureza e se adapta. No trabalho, como um instrumento ele é manipulado pelo processo organizacional que alimenta o vínculo estabelecido com a empresa para que esta atinja o lucro, a meta imposta pelo capitalismo. O espaço organizacional é uma arena de enfrentamento cultural e de produção, que mantém os mantém como sobreviventes porque constrói e reconstrói vínculos que se rearranjam permanentemente como os sociais. Os corpos regidos pela comunicação corporativa são orquestrados pelas normas que determinam o percurso e os papéis a serem representados. Em resposta, reproduzem o comportamento como o do sujeito¹, sancionado negativamente pelo S2 no projeto da cidade torre. Enquanto na torre ele se confundiu e se dispersou na organização ele se aliena e aquieta acuado, negando sua natureza inquieta.

Em consequência da terceira impossibilidade de sobrevivência, como atores contracenam capturados, domesticados, governados e dirigidos para atingir a lucratividade almejada pela empresa como punição pelo desejo de reconhecimento e realização. Consciente ou inconscientemente abrem mão da sua identidade, carrega a do outro na mascara com

signos e símbolos que não são seus. Não demonstram poder ou saber para quebrar paradigmas. Adotam a máscara organizacional e a incorporam. Como atores do trabalho se entregam, submetem-se à cultura da empresa, espaço social privilegiado para o sacrifício - um espaço probabilístico saturado de informação. Na segunda impossibilidade – de realizarem seus sonhos de perpetuar o seu nome sobre a face de toda a terra são submetidos à sansão de S2. Eles voltam a caminhar errantes como punição pelo seu desejo de chegar ao paraíso construindo a cidade torre.

E na primeira impossibilidade de sobreviver diante das ameaças de caminhar sobre dois pés pela face de toda a terra, correndo pelas planícies, é punido com a ameaça de ser devorado, pela audácia de descer das árvores, enfrentando os perigos, e não podem e nem sabem mais pular nas árvores como na sua origem.

Os nômades contemporâneos submetidos às pressões da vida no lugar do paraíso encontraram o conflito e enredados por uma das raízes da cultura, os estados alterados de consciência, se perderam de si mesmos resvalando nos dois universos, o real, da primeira realidade e o imaginário, da segunda realidade. Sem alternativa se submete aos deuses, empresa, capitalismo, poder, punição e privação. Aquietaram-se representando papéis organizacionais ou sociais. Sedentarizaram em universos simbólicos construídos sob outras referências subjetivas que não as primárias. Funcionário (in)corporam valores corporativos e os re-significam para se adaptar, como Steven Jobs aprendem e criam aplicativos para se distrair cativos. A aprendizagem da adaptação é a anterior à formação dos primeiros vínculos sociais, a família, que hoje é silenciada pelos aparatos tecnológicos. No novo milênio o novo nômade dissimula para evitar exclusão e punição. Sedados pela mídia, imprimem um esforço hercúleo, para calar sua essência, surdos e insensíveis ao chamado de sua natureza desbravadora para realizar sonhos e encontrar o

conhecimento e a felicidade. Como Flusser afirmou, uma vez que o homem caminhou dos prados para as planícies, e subiu as montanhas, ele criou outros mapas mentais, e não existe mais lugar que o atenda, pois, não pertence às cordilheiras, e não cabe mais nas planícies, tornando-se assim um desbravador permanente submetido à geografia da incomunicação.

Referências Bibliográficas:

- BAITELLO Jr.**, Norval. O animal que parou os relógios. São Paulo: Annablume. 2ª, ed 1997.
- _____. Imagem e violência: a perda do presente. In: São Paulo em Perspectiva, Vol. 13/3, Jul/Set. 1999. São Paulo: Fundação Seade, 2000.
- _____. O olho do furacão. A cultura da imagem e a crise da visibilidade. In: MOTTA, **BAKTIN**, Mikhail. Marxismo e filosofia de linguagem. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.
- BATESON**, G. colaboradores "Towards a Theory of Schizophrenia" Behavioral Science, 1956 e 1968.
- _____. Gregory. Steeps. To na ecology of mind. São Francisco: Chandler ed., 1972.
- _____. La nouvelle communication. Paris: Seuil, 1988.
- BAUDRILLARD**, Jean. A troca impossível. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BECK**, U. O. (1999) O que é Globalização. São Paulo: Paz e Terra.
- BELTING**, Hans. Likeness and presence: a history of the image before the era of art. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1994.
- BENJAMIN**, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, Vol. 1 São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERG**, P. O. Organizational Culture Organization change a symbolic transformation process. California: Sage.1985.
- BERLITZ**, Charles. As línguas do mundo, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª ed., 1988.
- BRYMAN**, A. Street corner society as a model for research into organizational culture. In: Reframing Organizational Culture. California: Sage, 1991.
- BYSTRINA**, I. Tópicos de semiótica da cultura. São Paulo: CISC, 1995.
- CAILLOIS**, Roger. Les jeux et lês hommes. Edtions Gallimard, (1958 1ª. Ed.) 1967.
- CANETTI**, E. Massa e poder. São Paulo: Companhia sas letras, 1995.
- CASSIRER**, Ernest. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana (Tradução Tomaz Bueno) São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. Linguagem e mito. São Paulo: Ed. Perspectiva, Coleção Debates, 1972.
- CHANLAT**, J.F. O Indivíduo na organização. São Paulo: Atlas, 1993.
- COHEN**, Jean. Estrutura da linguagem poética. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.
- CUNHA**, A. G. Dicionário etimológico. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1989.
- CYRULNIK**, Boris. Do Sexto Sentido: o homem e o encantamento do mundo. Portugal, Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- DANDRIDGE**, T.C. The life stages of a symbol: when symbols work and when they can't." in: Organizational Culture. California: Sage, 1985.

- DEJOURS, C.** A Loucura no trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, Oboré, 5a edição, 1992.
- DELEUZE, G.** Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Ed. Graal,, 1988.
- FERNANDEZ, J. W.** Persuasions and performances. Bloomington: Indiana, 1986.
- EIBESFELDT, Eibl.** El hombre pré programado. Spain: Ed. Alianza, 1973.
- ELIADE, M.** Images et symboles. Paris: Gallimard, 1980.
- ELIAS, Norbert.** O Processo civilizador. Vol I. Uma história dos costumes apresentação Renato J. Ribeiro. São Paulo: Ed. Jorge Zahar, 2000.
- ENRIQUEZ, E. A.** Organização em Análise. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ERASMO, de Rotterdam.** Elogio da loucura. Paris: primeira publicação. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint Ltda. 1509
- FLUSSER, V.** A Dúvida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- _____. A História do Diabo. São Paulo: Martins Fontes, 1965.
- _____. Da religiosidade. São Paulo: Comissão Estadual de Cultura, 1967.
- _____. Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1985.
- _____. Língua e realidade. São Paulo: Herder, 1963.
- _____. Natural:mente: Vários acessos ao significado da natureza. São Paulo. Ed. D. cidades, 1979.
- _____. Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Duas cidades, 1983.
- FOUCAULT, M.** A ordem do discurso. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2001: 43
- _____. História da loucura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1990.
- FREUD, S.** Totem e Tabú. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- FROST, J. P.** "An Allegorical View of Organizational Culture." In: Organizational California: Sage, 1985.
- GASSET, José Ortega y.** A rebelião das massas; tradução Marylene Pinto Michael, 2a. ed., São Paulo: Martins Fontes. (Título original: La rebelión de Las masas, 1a. ed. 1937, ed. Espasa-Calpe. Argentina, Buenos Aires), 2002.
- GRÜNEWALD, J. L.** O grau zero do escrever. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- HALL, E. T.** A dança da vida. A outra dimensão do tempo. Portugal, Lisboa: Relógio D'Água, 1996.
- _____. A linguagem silenciosa. Portugal, Lisboa: Relógio D'Água, 1998.
- HARLOW, Harry.** Love created, love destroyed, love regained. In:modeles animaux du comportement humanin. Paris. Centre National de la RechercheScientifique, 1970.
- HILLMAN, James.** Encarando os deuses. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.
- HUIZINGA, J.** Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 1996.

- JOERGES-C.B.** (1991) "Culture Is the Medium of Life" in: Reframing Organizational Culture. California: Sage.
- JUNG**, C. G. Aion, estudos sobre o símbolo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. O homem e os seus símbolos. Rio de Janeiro. Nova Fronteira s/d.
- KAMPER**, Dietmar. A estrutura temporal das imagens. São Paulo: Revista Ghrebh-, 2002.
- _____. Loucura. Texto. Tradução de Maurício Andrade, www.cisc.org.br. COSPUCP, 2003.
- LAPASSADE. G.** Groupes Organisations Institutions. Paris: Gauthier-Villars, 1974.
- LEHNERT**, Gertrud. História da Moda do Século XX. Tradução J. M. Consultores, S.A.. Colônia: Alemanha: Könnemann, 2001, p. 9.
- LEROI-GOURHAN**, André. As religiões da pré-história. Lisboa: Edições 70, s/d.
- LIRA**, B. **GARCIA**, W. Corpo e cultura, São Paulo: Xamã, ECA-USP, 2001.
- MAFFESOLI**, M. O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. São Paulo: Forense Universitária, 1998.
- MARCONDES FILHO**, C. A produção social da loucura, São Paulo: ed. Paulus, 2003.
- MATURANA**, H. El sentido del humano. Santiago: Dolmen Ediciones, 1991.
- _____. VARELA, F. A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento. Campinas: Editorial PSY II, 1995.
- MORGAN**, G. Imagens da Organização. São Paulo: Atlas, 1996.
- MORIN**, E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1996.
- _____. O paradigma perdido. Portugal: Europa América, 2000.
- MORRIS**, Desmond. O macaco Nu. Trd. Hermano Neves. São Paulo: Circulo do livro, 1967, p. 112.
- PROSS**, H. Estructura simbólica del poder. Barcelona: Gustavo GILI, 1980.
- ROMANO**, Vicente. Tiempo y espacio en la comunicación. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1999.
- SCHEIN**, E. H. The role of the founder in the creation of organizational culture. In: Reframing Organizational Culture. California: Sage, 1991.
- _____. "What Is Culture?" In: Reframing Organizational Culture: California: Sage, 1991.
- SFEZ**, Lucien. Crítica da comunicação. São Paulo: Loyola, 1994:13.
- SMIRCH**, L. "Is the Concept of Culture a Paradigm for understanding Organizations and Ourselves?" In: Organizational Culture. California: Sage, 1985.
- SERRES**, Michel. A lenda dos anjos. São Paulo: Aleph, 1995.
- WATZLAWICK**, P, **BEAVIN**, J, **JACKOBSON**, D. Pragmática da comunicação. S. Paulo: Cultrix, 1993.
- WEICK** K. E. "The Significance of Corporate Culture." Organizational Culture. California: Sage, 1985.